

NOTA DOS EDITORES

Este número de *Estudos Econômicos* conclui a publicação dos artigos recebidos e discutidos no Seminário de História Econômica do Brasil do Instituto de Pesquisas Econômicas. De início Douglas H. Graham trata do problema da oferta de mão-de-obra, em fins do século passado, e do papel do movimento migratório desta oferta. Estabelece primeiro o movimento secular das flutuações de migrantes estrangeiros; em seguida analisa em que medida aquelas flutuações resultaram não somente de forças de atração, exercidas pela economia cafeeira, mas também de forças de expulsão na origem (especialmente Itália) e de efeitos de substituição devidos à estagnação econômica nos anos noventa, verificada nos Estados Unidos e Argentina. Finalmente, discute a contribuição da mão-de-obra estrangeira na economia brasileira (em termos quantitativos e qualificativos) e a possível distribuição dos benefícios e custos, dentro do país, provocados pelo intenso movimento migratório do período.

O trabalho de Denslow discute a tese levantada por N. Leff segundo a qual a origem das disparidades regionais no Brasil estaria na relativa apreciação do mil-réis derivada do sucesso da expansão cafeeira no Centro-Sul durante a segunda parte do século passado. Assim, a redução (relativa) nos recebimentos, em moeda nacional, dos exportadores nordestinos determinaria uma redução na sua posição mundial e a retração da economia regional. Primeiro se discute, à luz das teorias de uniões alfandegárias, de moeda e de mercado comum, a complexidade associada à idéia de que o Nordeste teria auferido bem-estar maior assim separando-se do resto do Brasil.

Denslow argui que o aspecto cambial é apenas um dos vários mecanismos de interação entre café e Nordeste; além disto, aquela relação é muito mais complexa que a apontada por Leff (não se esqueça, por exemplo, a rápida depreciação cambial que se seguiu ao “Encilhamento”). Não se pode deixar de incluir na análise, a crescente demanda sulina pelas exportações do Nordeste, a crescente produção de açúcar em Cuba,

seguindo o declínio das plantações na ilha e o desenvolvimento de uma indústria açucareira no Sul do Brasil. Também a preferência tarifária nos Estados Unidos e as vantagens locacionais para o açúcar produzido pelo Havai, Porto Rico e Cuba prejudicou a produção brasileira.

Ainda um último fator decorrente da transferência tecnológica influenciou na produção brasileira de açúcar: a medida que as modernas usinas substituíam os antigos engenhos, tornava-se crucial uma oferta de matéria-prima adequada. Como a cana-de-açúcar deve ser processada com rapidez, poderia atender aquela demanda adicional. Cuba tinha também vantagens geográficas, já que boa parte de seu território é constituído de terras planas, o que facilitou a expansão do sistema ferroviário.

O Nordeste, por outro lado, encontrou dificuldades derivadas da topografia da região canavieira, que determinaram custos crescentes de transportes. Concluindo, numa análise global, talvez o mecanismo cambial se mostre o menos importante para explicar o declínio do Nordeste na segunda metade do século passado.

O artigo de Gordon W. Smith procura analisar a contribuição de um eficiente sistema de comercialização para o processo de desenvolvimento. O aumento da oferta de insumos para o setor de comercialização (transporte, comunicação e crédito bancário) tem um papel importante numa fase inicial, enquanto que as inovações dentro do próprio setor (integração vertical, contratos diretos e diferenciação do produto por qualidade) determinaram numa fase posterior a elevação da eficiência. A cultura do arroz depois de 1930, principal alimento cereal no Brasil, é escolhido pelo autor para ilustrar este processo de evolução numa região em rápido desenvolvimento.

Finalmente, temos a satisfação de apresentar os primeiros debates levantados por trabalhos publicados no número passado. Wilson Suzigan, Werner Baer, Annibal Villela e Donald Huddle comentam o trabalho de Fishlow sobre a evolução econômica do Brasil a partir dos fins do século XIX. Estes comentários dão margem a considerações adicionadas por parte do autor.

Os editores agradecem aos autores que contribuíram para a ampliação do debate profissional sobre a história econômica do Brasil.

Estudos Econômicos reitera mais uma vez sua disposição de divulgar e estimular a pesquisa e a discussão sobre nossa história econômica.

Douglas Hume Graham
José Roberto Mendonça de Barros